

## Triângulo da tristeza



Por GUSTAVO TORRECILHA\*

*Comentário sobre o filme de Ruben Östlund, em exibição nos cinemas*

O diretor sueco Ruben Östlund tem como marca registrada a capacidade de, em poucos segundos, transformar cenas engraçadas, construídas com muita sátira e crítica social, em momentos nervosos e tensos. Em *Force Majeure*, os diálogos cômicos resultantes da situação em que um pai abandona os filhos e a mulher para se proteger do que eles achavam ser uma avalanche revelam diversos outros problemas na relação da família, que alguns dias depois, ao ir esquiar, vê-se separada e perdida em decorrência da neblina.

Já em *The Square*, a performance de um artista que imita um animal selvagem em um jantar de gala e a discussão à beira de uma escada do personagem principal com uma criança que fora prejudicada por ele são algumas das cenas que refletem essa rápida mudança de tom nos filmes do diretor.

*Triângulo da tristeza*, o filme mais recente de Ruben Östlund sobre um cruzeiro de luxo, traz essa tensão e mudança de ânimo, de uma obra que vai quase que de uma comédia para um suspense, apenas ao final, após o navio naufragar depois de um ataque pirata e obrigar alguns de seus passageiros e tripulantes a tentarem sobreviver em uma ilha. Há, claro, as cenas do jantar com o capitão, quando o navio balança por causa de uma tempestade e causa enjoo nos passageiros bilionários, mas ver magnatas passando mal, por mais desconfortável que seja, pouco tem a capacidade de gerar tensão ou preocupação com o público, que prefere rir dos ultrarricos em uma situação como essa.

Afinal, o filme é construído de maneira a fomentar a rejeição do público aos bilionários que embarcam no cruzeiro. Diversas cenas fazem com que o público crie pouca simpatia com esses ultrarricos em seus momentos de dificuldades. Há os pedidos excêntricos e completamente sem noção que deixam os funcionários desconfortáveis para atendê-los, em decorrência de sua obrigação de servir os ricos e fazer o possível para deixá-los satisfeitos, constantemente enfatizada pela chefe da tripulação. A completa incapacidade dos bilionários quando chegam à ilha de acender a própria fogueira, pescar a própria comida e limpar os pescados também contribui para essa rejeição, ainda mais porque é justamente a camareira do navio, Abigail, a única capaz de realizar todos esses serviços.

O diretor aproveita também para inserir questões políticas nessas cenas em que satiriza os bilionários. Em uma das cenas mais engraçadas do filme, o capitão do navio, um americano que se autointitula marxista e ouve a *Internacional* bêbado em seu quarto, discute com as visões de mundo abjetas de um capitalista russo admirador de Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Há também as discussões de negócios de um casal de magnatas a bordo, que trabalham, como o filme diz satiricamente, em prol da defesa de democracias do terceiro mundo, o que nada mais é do que um eufemismo para designar os donos de uma grande produtora de armas e granadas.

Já no contexto pós-naufrágio, algumas dessas relações sociais acabam mudando. O fato de ser a única capaz de realizar as atividades necessárias para a sobrevivência do grupo na ilha garante um status especial à antiga camareira Abigail. E ela

faz uso de sua posição de liderança para reivindicar o direito de ter melhores condições de alimentação e abrigo, bem como para obter favores sexuais de Carl, jovem modelo que estava a bordo no navio em companhia de sua namorada, a *digital influencer* Yaya, que tinha recebido a viagem como presente em troca de promover o cruzeiro em suas redes sociais e que fica com ciúmes por ter perdido o namorado para uma camareira.

A presença do jovem casal no navio - que discute sobre quem deve pagar a conta em restaurantes e que parece estar junto mais para mostrar nas redes sociais do que por afeto propriamente dito - parece ser também uma maneira de Ruben Östlund de criticar a ostentação e as postagens de uma vida supostamente perfeita nas redes sociais, ainda que claramente artificial e distante da dos demais passageiros verdadeiramente bilionários. Mas ao mesmo tempo, gera simpatia na tensa cena final, quando o público se preocupa com Yaya, que, por mais superficial que seja, não é um dos ultrarricos inúteis satirizados pelo filme.

A outra protagonista da cena final, a ex-camareira Abigail, também suscita simpatia no público, mesmo quando ameaça Yaya após esta ter finalmente encontrado uma maneira de obter resgate, afinal sua motivação é apenas preservar a condição e o status de conforto que adquire pela primeira vez na vida dentre os sobreviventes na ilha. Ruben Östlund parece querer indicar aqui como elas estão mais próximas na hierarquia econômico-social do que a vida nas redes demonstra, mas mesmo assim é criado um clima de rivalidade entre as duas.

Apesar de deixar essa cena apenas para os últimos segundos do filme, o diretor faz o que é característico de sua obra ao entregar momentos cômicos que rapidamente viram momentos de tensão. Ao mesmo tempo, realiza uma sátira que critica a existência e a inutilidade dos ultrarricos, as ilusões causadas pelas redes sociais e até mesmo como uma certa classe média não consegue perceber a qual lado de fato pertence na divisão da sociedade.

**\*Gustavo Torrecilha** é doutorando em filosofia na Universidade de São Paulo (USP).

## Referência

---

*Triângulo da tristeza (Triangle of Sadness)*

Alemanha, França, Reino Unido, Suécia, 2022, 150 minutos

Direção e roteiro: Ruben Östlund

Elenco: Charlbi Dean Kriek, Harris Dickinson, Woody Harrelson.

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

[Clique aqui e veja como](#)